

	<p style="text-align: center;">MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIRED CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015 Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental</p>	
---	--	---

ADENIR DE SOUZA ROCHA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO DOCENTE:
REFLEXÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

**Buritis/RO
2017**

ADENIR DE SOUZA ROCHA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO DOCENTE:
REFLEXÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil -UAB e com o Polo de Buritis/RO, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Professora Tharyck Dryely Nunes Rodrigues.

**Buritis/RO
2017**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



MEMORIAL DE FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

ADENIR DE SOUZA ROCHA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Prof. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof. Tharyck Dryely Nunes Rodrigues

Membro: Prof. Edna Maria Cordeiro

Membro: Prof. Robson Fonseca Simões

**Buritis/RO
2017**

Dedico ao meu pai, Serafim Carvalho da Rocha (in memoriam) que teve uma grande contribuição em minha vida educacional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por proporcionar-me a oportunidade de realizar este curso, dando-me saúde, coragem e força para enfrentar esta batalha;

À minha família, pelo apoio incondicional e incentivo nos momentos mais difíceis, quando diante das dificuldades, pensei até em desistir;

Aos meus filhos, pela compreensão quando às vezes precisei me ausentar em função do estudo, deixando de participar de alguma programação;

Às minhas colegas de curso Cristina e Cirlene, pela troca de conhecimentos e pela amizade que se solidificou ao longo dessa trajetória e pelo incentivo para que eu não desistisse do curso;

Aos Professores, Tutores e Coordenadores do curso que foram muito pacientes e perseverantes ao ensinar, auxiliar em tudo que foi necessário e nos acompanhar nesta trajetória, sempre incentivando-nos a não desanimar, apesar de todas as dificuldades.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1. O INÍCIO: INFÂNCIA E TRAJETÓRIA ESTUDANTIL	7
1.1 Infância e escola	8
2. INGRESSANDO NA UNIVERSIDADE	11
3. ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS	15
3.1 Estágio na Educação Infantil	15
3.2 Estágio nas séries iniciais do Ensino Fundamental	18
3.2.1 Percepções e reflexões	24
3.3 Estágio de Gestão Escolar	24
4. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO	26
5. LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO	28
ENSINO FUNDAMENTAL	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

APRESENTAÇÃO

Este memorial tem o objetivo de relatar experiências marcantes da minha trajetória de vida na Educação Básica, pessoal, profissional e acadêmica, com memórias da infância, do primeiro contato com a escola, passando pelas experiências profissionais adquiridas, até o ingresso na Universidade Federal de Rondônia - UNIR, sendo esse acontecimento o início da realização do sonho de cursar o Ensino Superior, uma vez que, diante das dificuldades financeiras, até então, era apenas um sonho distante.

Contempla ainda o processo de construção do conhecimento durante o período de formação docente, assim como, as expectativas, os desafios, frustrações e vitórias vivenciadas nesta trajetória acadêmica.

Entre outros pontos importantes da formação docente, o presente memorial tem como objetivo refletir sobre a importância do estágio supervisionado na formação do pedagogo, da leitura e escrita, e dos jogos e brincadeiras no processo Ensino aprendizagem na Educação Infantil, onde podemos observar que

“O Memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmica profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. Deve dar conta também de uma avaliação de cada etapa, expressando o que cada momento significou, as contribuições ou perdas que representou. (SEVERINO, 2001, p.175).

Sob essa perspectiva, o memorial possibilita documentarmos de forma descritiva e reflexiva as memórias e fatos que consideramos importantes na nossa vida pessoal, acadêmica e profissional.

1. O INÍCIO: INFÂNCIA E TRAJETÓRIA ESTUDANTIL

Para escrever este memorial, foi preciso retornar ao passado em busca de memórias da infância, e ao longo do trabalho, farei menção a alguns fatos que considero importantes na minha vida.

Sou natural de Cáceres, no estado do Mato Grosso. Porém, me considero rondoniense, uma vez que tinha apenas um mês de idade quando vim para o estado de Rondônia, na companhia de meus pais e meu irmão, de onde não saímos mais.

Ao chegarmos a Rondônia no ano de 1976, moramos por alguns anos na área rural da região de Ariquemes, porém, não foi possível continuar no sítio, pois a propriedade que meu pai havia adquirido com documentação do INCRA, foi desapropriada por razões que desconheço. Diante disso, fomos obrigados a ir pra cidade. Lá meu pai montou uma livraria evangélica, trabalhou por um tempo, depois teve a oportunidade de montar um mercado em sociedade com um de seus irmãos, de onde tirava nosso sustento o resto dos dias em que vivemos lá. Porém, a sociedade não deu certo, e o mercado fechou, não sobrando nada.

Sou a segunda filha de uma família muito humilde. Meu pai cursou apenas até a 5ª série do antigo primeiro grau, quando ainda era jovem. Mesmo com tão pouco estudo, chegou a atuar como docente em sala de aula de escolas rurais na região de Ariquemes. Não tenho lembrança deste período, pois ainda era muito pequena, mas ele sempre contava histórias do tempo em que era professor, bem como, dos castigos aplicados aos alunos com o uso da palmatória e dos grãos de milho, o que na época, eram atitudes admissíveis e normais pelo que me contava. Bem diferente dos dias atuais, em que tais práticas são terminantemente proibidas, aliás, nenhum tipo de castigo é admitido.

Minha mãe cursou de 1ª a 4ª série no ano de 1988 através do MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, um programa de Educação para Jovens e Adultos, aqui mesmo em Campo Novo. A escola funcionava na área urbana, porém, na época, Campo Novo era apenas um distrito de Porto Velho.

Minha mãe era muito dedicada às aulas, mesmo com todas as dificuldades, pois tinha que conciliar as tarefas de esposa, dona de casa, mãe de cinco filhos, e ainda fazia pães e salgados para vender e assim, ajudar nas despesas da casa. Fico imaginando que poderia ser bem diferente se tivesse oportunidade de estudar quando jovem, mesmo morando na zona rural e tendo que ajudar no trabalho árduo da roça, talvez tivesse uma vida menos sofrida na idade adulta.

A EJA é uma modalidade de ensino destinado a jovens e adultos que não tiveram acesso ou que por algum motivo não puderam concluir o ensino na idade própria. São cursos ofertados a jovens a partir dos 15 anos de idade, pela secretaria de educação, presencial ou a distância. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.304, de 1996, no artigo 37, evidencia preocupação em garantir a continuidade e acesso aos estudos por aqueles que não tiveram oportunidade em idade própria.

O aluno da Educação de Jovens e Adultos, em sua maioria são pessoas cheias de marcas da vida e vivem em uma realidade cheia de carências. A escola é um resgate à cidadania dessas pessoas e a possibilidade de uma mudança de vida. Para atuar na EJA o professor deve ter olhar com vistas a desenvolver a reflexão e o pensamento crítico dos alunos.

Na perspectiva de Freire (2002, p.193), a educação contempla a formação do ser humano e deve estar baseada em uma proposta política de uma pedagogia libertadora, visando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária “Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos direito à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser”.

Considerando que o conhecimento liberta, a partir do momento em que o indivíduo adquire conhecimento, passa a ser capaz de refletir, criticar e participar mais ativamente da sociedade, como cidadão crítico e convicto para reivindicar o que lhe é de direito.

1.1 Infância e escola

Minha trajetória estudantil iniciou no ano de 1982, aos seis anos de idade, no Jardim de Infância Pingo de Gente na cidade de Ariquemes. Ainda me lembro da minha professora do Jardim, era uma japonesa chamada Luíza, e dos passeios ao zoológico da cidade, onde íamos com frequência. Nossa! Era muito divertido. Confesso que as fotos me ajudam a lembrar, pois minha memória não é tão boa assim. Diante disso, percebo a importância de registrar todos os momentos relevantes da nossa vida.

Cursei a 1ª série do primeiro grau no ano de 1985, ainda na cidade de Ariquemes na Escola Ricardo Cantanhede, situada na Rua Salvador, setor 03. Tenho poucas lembranças do tempo em que estudei lá, infelizmente não me recordo das vivências nessa escola. Talvez por ter sido pouco o tempo, já que foi apenas um ano, ou devido ao excesso de timidez, pois sempre tive muita dificuldade em fazer amigos, me comunicar ou me enturmar.

Apesar de não me recordar da escola, tenho algumas lembranças da minha infância fora da escola. Lembro-me que meu irmão e eu andávamos a cidade inteira vendendo banana, é claro que a cidade não era tão grande como hoje, de modo que assim, conhecíamos cada ponto da cidade, o que para nós não era apenas trabalho, e sim diversão. À noite, quando não estávamos na igreja, brincávamos com os vizinhos de esconde-esconde, cobra-cega e pula corda.

No ano de 1986 nos mudamos para Campo Novo para onde meu pai foi enviado incumbido de pastorear uma igreja. Continuei meus estudos na Escola Municipal Cassiano Ricardo, onde cursei de 2ª à 4ª série. Reprovei uma vez na 5ª série, me lembro como se fosse hoje, a minha tristeza com a notícia, apesar de saber que havia uma grande possibilidade de reprovação em massa na turma na disciplina de matemática, pois tínhamos um professor temido por todos pela rigidez e que não explicava a matéria, apenas colocava as atividades no quadro e dizia: se virem. Não deu outra, de uma turma de 28 alunos, apenas 03 foram aprovados.

Diante do exposto, é importante salientar a importância da interação professor x aluno em sala de aula, de modo que o aluno tenha liberdade de expressão para questionar, quando necessário, e de uma boa didática de ensino, que não fuja a realidade da turma.

O professor precisa se adaptar ao meio que desenvolve seu trabalho e buscar desenvolver sua prática, partindo da realidade do aluno, valorizando o meio em que ele vive, assim buscando a partir da sua cultura e da sua realidade, apresentar o mundo que ele não conhece. LUKESI, (2000,P.7) afirma que,

O ato de avaliar, devido estar a serviço da obtenção do melhor resultado possível, antes de mais nada, implica a disposição de acolher. Isso significa a possibilidade de tomar uma situação da forma como se apresenta, seja ela satisfatória ou insatisfatória, agradável ou desagradável, bonita ou feia.

Infelizmente, o que observamos é que a prática educacional não tem atendido as reais necessidades e interesses dos alunos, que nem sempre são valorizados em suas diferenças e assim, acabam tornando-se vítimas das avaliações, o que afasta o educando do contexto escolar, levando-o ao fracasso exposto e conseqüentemente ao abandono de seus estudos e objetivos.

Apesar da reprovação, não desanimei e no ano seguinte fui transferida para Escola Estadual 15 de Outubro, onde concluí o Ensino Fundamental no ano de 1993, porém, como nenhuma escola na cidade ofertava o Ensino Médio, fiquei sem estudar até o ano de 1995.

Embora com dificuldades financeiras e morando em uma cidade tão pequena sem recursos nem opções de diversão, até que tive uma infância feliz dentro das possibilidades. Considerando que não tinha muito tempo para o lazer, já que desde muito cedo, na condição de filha mais velha, cuidava dos afazeres da casa e dos meus irmãos na ausência de meus pais, sobretudo no período em que trabalhavam no sítio, o pouco tempo livre que tinha, aproveitava para brincar. Geralmente à noite, reuníamos as crianças da vizinhança para brincar de todo tipo de brincadeira que conhecíamos como: passa anel; caí no poço, cobra-cega; esconde-esconde; amarelinha; andar de bicicleta etc. e aos domingos, íamos para igreja de manhã e depois para sítios próximos à cidade, onde passávamos a tarde toda tomando banho de rio. São muitas lembranças boas. Quanta saudade!

Em 1996 foi implantado o Ensino Médio - Magistério na Escola Municipal Cassiano Ricardo, então retomei meus estudos, já casada e com um filho pequeno. Cursei o 1º ano, que era básico, porém, no 2º ano tive uma dificuldade enorme quando começaram os estágios, não me identifiquei com o magistério. Devido à timidez, fiquei apavorada com a ideia de ter que falar em público, assumir uma sala de aula.

Acabei desistindo e voltei a estudar no ano de 1999, quando formou uma turma de 2º ano Colegial na Escola Estadual 15 de Outubro, concluindo o Ensino Médio no ano de 2000. Hoje trabalho na mesma escola exercendo a função de Secretária Escolar.

Apesar de todas as dificuldades, meus pais sempre tiveram a responsabilidade de manter os cinco filhos na escola, enquanto estavam sob seus cuidados. Dessa forma, todos concluíram o Ensino Médio, porém, apenas eu consegui ingressar no Ensino superior. Creio que devido à dificuldade financeira, mas faltou também um pouco de interesse por parte dos meus irmãos, considerando que tivemos a mesma educação.

2. INGRESSANDO NA UNIVERSIDADE

No ano de 2010 prestei o vestibular do curso de Pedagogia da UNIR, confesso que fiz por fazer, sem muita fé, apenas para ter experiência, até porque Pedagogia não era bem o que eu queria fazer, mas era a melhor opção dentro da área em que trabalho, a Educação, pois não tenho a intenção de assumir sala de aula, porém com uma pós-graduação, poderei atuar em outras áreas como, por exemplo, no setor de Gestão escolar, na orientação ou supervisor escolar.

Considerando o desinteresse inicial, não me dei ao trabalho de ver o resultado, fiquei surpresa quando meus colegas me informaram que eu havia passado. Fiquei muito feliz e ao mesmo tempo preocupada, a dúvida era: será que sou capaz de cursar uma faculdade à distância por quatro anos até o fim? Será que darei conta de realizar as atividades sem um professor presencial?... Bem, mesmo com tantas dúvidas, não poderia perder esta oportunidade, pois era minha única chance de cursar o ensino superior, já que, minhas condições financeiras não me possibilitavam cursar o Ensino superior numa instituição particular.

Em setembro de 2011, depois de tanta demora, finalmente tivemos a primeira aula. Nossa! Toda a turma estava muito ansiosa para começar, me lembro que iniciamos com a disciplina de Oficina tecnológica, afinal, a tecnologia seria nossa principal ferramenta no decorrer do curso.

Eliminamos algumas disciplinas, todos muito animados. Apesar das dificuldades devido à distância do polo que fica na cidade vizinha, a sessenta quilômetros de onde eu e mais duas colegas moramos. A estrada é de chão e muito ruim, mesmo assim, fizemos o possível para não faltar aos encontros presenciais no polo, que na maioria das vezes aconteciam à noite. Enfrentamos poeira, chuva, lama, problemas com o carro, que já aconteceu de quebrar, nos deixando a pé na estrada.

Para nossa tristeza, devido a problemas administrativos da Universidade, o curso ficou paralisado por mais de dois anos, e quando retornamos, alguns já haviam desistido, mas seguimos em frente. Confesso que sem muita fé de que concluiríamos o curso em meio a tantos contratemplos. Mas graças ao empenho de coordenadores, tutores, professores, e, por que não dizer de nós alunos, todos unidos, enfrentamos os obstáculos contando com a colaboração uns dos outros, e aqui estamos, chegando ao final desta longa jornada.

Durante todo o curso, tivemos alguns encontros com professores presenciais, que foram muito bons por sinal, mas infelizmente foram poucos, até porque, o curso é à distância,

de forma que não poderíamos exigir professores presenciais. Houve ainda algumas tentativas de aula via web conferência, o que seria muito bom, se tivesse funcionado, pois assim, poderíamos interagir em tempo real com os professores, bem como, com alunos de outras turmas.

No entanto, devido à internet ser muito lenta, não tivemos sucesso com esta prática, de modo que a maioria das disciplinas aconteceram com um encontro no polo com a mediação dos tutores presenciais, que nos auxiliavam no sentido de mostrar a importância de cada disciplina, tirar as dúvidas no que se referia a realização das atividades bem como, nos manter atentos quanto ao cumprimento dos prazos.

Neste longo período, tivemos contato com poucos professores pessoalmente, alguns por e-mail ou telefone, e outros, conhecemos apenas através de vídeo, onde as aulas eram gravadas e disponibilizadas na plataforma.

As atividades eram realizadas individualmente ou às vezes em grupo, sempre com o auxílio dos materiais disponíveis na plataforma e postadas na plataforma de acordo com os prazos previstos, com exceção dos Seminários, que além de postados, foram apresentados presencialmente ou em vídeo.

Todas as disciplinas estudadas no decorrer curso de Pedagogia foram de grande relevância para minha formação como docente, no entanto, algumas me chamaram a atenção, como por exemplo: **Alfabetização e letramento, Libras e Recreação e jogos.**

A disciplina de **Alfabetização e letramento** tratou das mais variadas formas de linguagem, o que me levou a observar o quanto a nossa língua é interessante e ao mesmo tempo complexa como é o caso das palavras polissêmicas, onde uma mesma palavra pode ter vários sentidos, como por exemplo, a palavra manga, que pode ser uma fruta ou uma parte da roupa.

Há também as palavras com um único sentido, porém, aparece em diferentes contextos, como é o caso da escova, que é um objeto geralmente usado para limpeza, no entanto, há vários tipos de escova, cada uma tem sua utilidade específica, como: escova de dente; de lavar roupas; limpar sapatos; de banho; escova de cabelos etc.

Temos ainda a linguagem através de pressupostos e subentendidos, são ideias não ditas de forma explícita, mas que podem ser entendidas a partir de certas palavras ou expressões utilizadas são marcadas por advérbios, verbos, orações adjetivas e adjetivos, sendo que, um pressuposto é uma ideia evidente que pode ser prevista, por exemplo, quando alguém

pergunta: você tem relógio? Subentende-se que a pessoa quer saber as horas, e não se o outro tem relógio, ou seja, algo que pode ser deduzido a partir de uma informação fornecida.

Em nosso dia-a-dia, utilizamos com muita frequência, a linguagem não verbal, que é o uso de imagens; figuras; desenhos; símbolos; danças; tom de voz; postura corporal; mímica; pintura; gestos etc. como é o caso das placas, que por meio de um desenho podemos entender a mensagem, bem como os emoticons, que através de carinhas demonstram sentimentos. Temos ainda a língua de sinais, as charges, muito utilizadas na televisão e internet, bem como as abreviações, muito utilizadas em salas de bate papo e mensagens de texto de celular.

O estudo da disciplina mostrou-me o quanto é importante e quão grande a responsabilidade do professor alfabetizador, pois diante de tanta complexidade, é necessário estar bem preparada com didáticas e metodologias de ensino adequadas, a fim de obter resultados positivos no processo de alfabetização dos educandos.

Com a disciplina de **Libras**, que apesar de não ter adquirido um aprendizado muito significativo, devido á complexidade da disciplina e ao pouco tempo destinado à mesma, foi suficiente para entender o quanto é importante que o professor saiba se comunicar através da língua de sinais, pois com a inclusão, é preciso estar preparado para receber e atender alunos com necessidades especiais, como os surdos, respeitando suas diferenças linguísticas e culturais bem como, fazer o possível para que não se sintam excluídos na turma.

[...] o ensino inclusivo proporciona às pessoas com deficiência a oportunidade de adquirir habilidades para o trabalho e para a vida em comunidade. Os alunos com deficiência aprendem como atuar e interagir com seus pares no mundo “real”. Igualmente importante, seus pares e também os professores aprendem como agir e interagir com eles (STAINBACK e STAINBACK, 1995, p.25).

Diante disso, podemos dizer que a inclusão só vem a acrescentar, tanto na vida das pessoas com deficiência, por não se sentir excluídas, participando ativamente da vida em comunidade, como para as demais, pela oportunidade de colaborar no desenvolvimento de quem precisa e, ainda aprender com eles, ou seja, sempre há uma troca de conhecimentos.

Já na disciplina de Recreação e jogos, compreendi que ao contrário do que muitos pensam a recreação e os jogos não trata só de diversão. Os jogos e os brinquedos colaboram para aproximação das crianças ao mundo de valores, habilidades e modos de vida de suas comunidades, auxiliam ainda ao professor detectar conhecimentos prévios dos alunos no que se refere ao nível de domínio e precisão da linguagem, como em relação à sua compreensão do meio social e natural, possibilita as crianças conhecerem o mundo que as rodeia, bem como, as peculiaridades e limitações típicas da idade e da cultura a que pertencem, podendo

alterar o que não lhes agrada nesse mundo, e verificar as implicações de tais alterações sem maiores riscos.

Logo, as situações de jogo são momentos e espaços em que é permitido violar os papéis “estabelecidos” social e culturalmente, por exemplo, os meninos podem cozinhar e passar roupa e as meninas podem dirigir um caminhão etc.

ZANLUCHI (2005, P. 91) afirma que “a criança brinca daquilo que vive; extrai sua imaginação lúdica de seu dia-a-dia”. Sendo assim, quanto mais a criança puder brincar, mais preparada emocionalmente estará para dominar seus comportamentos e emoções no convívio social, alcançando resultados mais positivos no decorrer da vida.

“Brincar desenvolve as habilidades da criança de forma natural, pois brincando aprende a socializar-se com outras crianças, desenvolve a motricidade, sem cobrança ou medo, mas sim com prazer” (Cunha 2001, p.14).

Com base na citação acima, é importante ressaltar a importância da inserção do lúdico no Projeto Pedagógico da escola, bem como a adequação das salas de aula, de forma que as crianças tenham à sua disposição, um ambiente agradável e acolhedor equipado com brinquedos e jogos a serem compartilhados por todos.

3. ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

No início de 2016 iniciaram os estágios, foi um ano bem complicado, uma vez que foi preciso conciliar a vida pessoal, profissional, o estágio e os encontros acadêmicos, além da realização de atividades, avaliações das disciplinas e relatórios de estágios. Ufa! Pensei que não ia dar conta, quase enlouqueci, mas segui em frente e encarei.

O estágio é fundamental para a formação do professor, devendo ser vivenciado como um momento de exploração do ambiente escolar, investigação das práticas pedagógicas da instituição, reflexão sobre o processo escolar, uma vez que o estágio supervisionado é uma ferramenta que auxilia no exercício de relacionar a teoria com a prática (LIMA E PIMENTA, 2004).

Antes de iniciarmos os estágios, tivemos encontros com a tutora presencial de estágios, Joyce de Souza Pereira, que nos orientou quanto a organização e realização dos estágios, esclarecendo como deveria ser a dinâmica de registros e prazos a serem cumpridos, bem como nos orientou no que se refere ao pedagógico.

Tivemos o acompanhamento direto da tutora em todas as etapas do estágio, motivando e encorajando-nos, auxiliando na elaboração e execução dos planos de atividades das práticas pedagógicas, bem como, no preenchimento das fichas e relatórios.

3.1 Estágio na Educação Infantil

Iniciei o estágio pela Educação Infantil na Creche e Escola Municipal de Ensino Infantil Paulo Coelho, situada na Av. Costa e Silva, nº 1923, setor 04, no município de Campo Novo de Rondônia, onde resido. Ao chegar à escola para me apresentar e solicitar o estágio, fui muito bem recebida pelo agente de portaria que me encaminhou até a diretora, que também foi muito atenciosa e gentil me aceitando como estagiária e respondendo a todas as questões necessárias para dar início ao estágio.

Iniciei observando na turma do maternal II da escola acima citada. A turma era composta de 22 alunos de três anos de idade, porém, como é comum numa turma de maternal, algumas crianças permaneciam em período integral, enquanto outras apenas no período matutino ou vespertino. Sendo assim, no período vespertino havia 15 alunos frequentes sob os cuidados de uma professora e duas auxiliares de creche, todas muito atenciosas por sinal.

Ao toque do sino às 13h30min todos lancharam e entraram para a sala, onde a professora me apresentou aos alunos, explicando o motivo da minha presença ali. Recebi as boas vindas dos alunos, que desde o início demonstraram-se muito à vontade com minha presença. Após acolhimento e cantarem uma música de boas vindas, a professora disponibilizou peças de montar (jogos pedagógicos), propondo que usassem a criatividade e montassem objetos de livre escolha, e informou-me o objetivo de cada atividade como: estimular a criatividade das crianças, auxiliar no reconhecimento das cores, além de possibilitar o conhecimento do cotidiano de cada um, uma vez que, quando criam, geralmente se espelham em algo vivenciado em casa, como por exemplo: ferramentas de trabalho dos pais, objetos utilizados no dia-a-dia, ou algo que gostam muito.

Segundo Kishimoto (1994, p. 34) “[...] placas de madeira podem formar um castelo, uma bicicleta, um carro, sendo que em instantes, tudo pode ser desmanchado e reconstituído, levando a criança a compreender que o mais importante não é uma bonita produção artística e, sim, o envolvimento durante o trabalho, porque o conhecimento está na ação e não nos objetos” . Para ele, “o que se deve tornar importante é que a criança compreenda que o seu envolvimento e a sua interação com os colegas no momento da criação e da brincadeira é o que realmente interessa, e não a qualidade artística do que ela fez, pois segundo ele o que mais vale é a experiência, ou seja, a criança realizar a atividade e se divertir com a sua produção”.

Observei também, a forma como a professora conduziu a turma, a maneira de tratar os alunos, a comunicação e interação entre eles. Percebi de imediato que a professora tem muito domínio com a turma e demonstra conhecer profundamente cada criança, além de ser muito carinhosa com os pequenos, porém, sabe impor limites, quando necessário. As crianças estavam bem agitadas até o momento em que a professora colocou um DVD com vários desenhos educativos e cantigas infantis para que assistissem. Todos se acomodaram e ficaram muito atentos, acompanhando as músicas e demonstrando muita satisfação com o entretenimento.

Em seguida foi hora do banho das crianças, após terem tomado banho com a ajuda das auxiliares, as crianças retornavam à sala onde a professora penteava-os, deixando todos prontos para o jantar, e voltar para suas casas. Após a merenda, faziam a higiene bucal de todos, brincavam por uns instantes no pátio e retornavam para a sala onde aguardavam até que os pais venham busca-los.

Na oportunidade, observei ainda que as crianças que permaneciam o dia inteiro na creche eram mais agitadas, talvez devido ao fato de não ficarem tão à vontade como se

estivessem em casa, uma vez que, ficam a maior parte do tempo dentro da sala, o que os tornam impacientes e, com certeza, sentem falta da família.

Contei com a ajuda da professora da turma na elaboração do Projeto Oficina, com o tema “Galinha Pintadinha” o qual trabalharia com eles no dia da regência. Chegou o dia da minha aula e confesso que estava bem nervosa, sem saber se as crianças iriam aceitar e colaborar com a realização das atividades propostas, bem como, pela presença da Tutora de Estágio me assistindo e avaliando meu desempenho.

Iniciei com a apresentação de um desenho na tevê da “galinha pintadinha”, que as crianças adoravam por sinal, em seguida, organizei as mesas e cadeiras para realização de uma atividade de pintura, trabalhando a coordenação motora, contribuindo para o fortalecimento muscular das mãos e braços. Todos ficaram muito animados com a atividade, afinal, adoravam colorir.

Percebi que alguns se destacavam mais que outros na realização da atividade quanto à dedicação, capricho e rapidez. Mas o importante é que todos participaram. Após terem terminado a pintura, identifiquei cada desenho com o nome da criança, recolhi e entreguei para que a professora guardasse. Na sequência, demos início a outra atividade, também ligada ao tema “galinha pintadinha”, esta por sua vez, trabalhava o equilíbrio do corpo em movimento. A atividade consistia em caminhar em cima da corda colocada no chão em ziguezague fazendo o caminho da galinha até o pintinho.

Todas as crianças participaram e gostaram muito da atividade, afinal de contas, para elas era uma brincadeira, uma diversão. Durante a realização da atividade, notei que algumas crianças tinham mais facilidade de equilíbrio que as outras, e percebi a importância das atividades de coordenação motora para o desenvolvimento das crianças, visto que, há muitos movimentos que pra um adulto é tão comum, que esquecemos que as crianças precisam de estímulos para realiza-los.

Ao terminar a regência na turma, respirei aliviada, tudo saiu conforme o planejado, as crianças participaram com muita animação e desempenharam bem todas as atividades, superando minhas expectativas.

Por se tratar de uma turma de creche, composta por crianças de três anos de idade, segundo a professora da turma, as atividades pedagógicas não devem ser realizada com a mesma frequência que na pré-escola, uma vez que o objetivo prioritário ali é o cuidado e socialização da criança, onde as atividades trabalhadas com a turma são lúdicas e voltadas mais ao desenvolvimento da coordenação motora, da fala e dos sentidos.

A educação infantil atende criança na faixa etária de zero aos seis anos de idade, educação essa que é um direito garantido tanto pela Constituição Federal de 1988, como pela Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) 9394/96, tornando um direito da criança e um dever do estado, a permanência dessas crianças em creches e pré-escolas. Essa faixa etária é considerada como a etapa essencial na vida de um ser humano no início de seu desenvolvimento, conforme afirma Vergés & Sana (2009, p 10)

A educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica, tem a finalidade de desenvolver a criança até os seis anos de idade, ou seja, desenvolver na criança uma imagem positiva de si, reconhecendo o seu próprio corpo, brincando, expressando suas emoções e seus sentimentos, socializando-se com os colegas e os professores.

Nesse sentido, a educação infantil, consiste no desenvolvimento das crianças antes da sua entrada no ensino fundamental. Embora muitos julguem desnecessário que a criança frequente a escola de Educação infantil, esta é uma fase muito importante para o desenvolvimento físico e intelectual da criança, pois trabalha constantemente a coordenação motora através das brincadeiras, seja com objetos de montar; massinha de modelar, ou com o próprio corpo, através das brincadeiras livres, que são essenciais para que a criança seja interativa e sociável com as demais, assim, quando chegar no ensino fundamental, não encontre grandes problemas de socialização.

3.2 Estágio nas séries iniciais do Ensino Fundamental

No segundo semestre de 2016 realizei o estágio de observação e regência nas turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cassiano Ricardo, localizada na Rua Duque de Caxias, nº 2101, setor 01, em Campo Novo de Rondônia-RO.

Iniciei observando a turma do 1º ano C, uma turma composta por 19 alunos. Recebi a boa vinda calorosa da professora e dos alunos, que se mostraram curiosos imaginando que eu seria a nova professora. Porém, apesar de curiosos, todos ficaram muito à vontade com minha presença. Estando todos acomodados, houve um momento de conversa informal onde as crianças contaram as novidades do fim de semana. Em seguida, a professora colocou atividades no quadro para que copiassem, enquanto corrigia o dever de casa.

Na ocasião, estudavam a família silábica da letra M, e como atividade, deviam copiar as sílabas ma – me – mi – mo – mu – mão e algumas palavras que continham a letra M, além de um pequeno texto. A turma era bem agitada, em uma sala bem apertada levando em

consideração o número de alunos. Durante a realização das atividades, notei alguns alunos meio dispersos, no entanto todos, cada um a seu tempo, conseguiram copiar. Em seguida, foi tomada a leitura todos no quadro, e se saíram muito bem.

Para minha regência na turma, escolhi um conteúdo de matemática, o qual, foi planejado juntamente com a professora da turma. Ao chegar à sala, informei que seria a professora deles naquele dia. Todos estavam bem a vontade comigo, devido aos dias em que estive observando. Expliquei a eles o conteúdo e como seriam realizadas as atividades e, percebi que ficaram muito animados em realizar a primeira atividade, que consistia em indicar o sucessor e antecessor em um jogo.

Dividi a turma em 5 grupos, disponibilizei uma caixa com cartões numerados de 1 a 100, e uma cartela em branco a cada grupo, todas com a mesma divisão, onde esses grupos deveriam colar os números escolhidos, seguindo a ordem numérica, e para isso, o grupo teria que descobrir o menor número que possuía para iniciar a sua sequência numérica. Para evitar o tumulto, cada grupo escolheu um representante com a função de coletar os números que faltavam para completar a sua sequência.

Na sequência, apliquei mais duas atividades onde deviam completar com o número que faltava, indicando o sucessor e antecessor. Alguns alunos me solicitaram ajuda, porém todos conseguiram fazer as atividades e, à medida que iam terminando, traziam para que corrigisse, de modo que, com a correção e avaliação, foi possível constatar que objetivo proposto foi alcançado com sucesso.

Dando sequência ao estágio, iniciei minha observação e participação na turma do 2º ano “c” do ensino fundamental, onde fui muito bem recebida pelos alunos e pela professora, que me apresentou e informou o motivo de eu estar ali. A turma era composta por 20 alunos, mas neste dia só havia 16 presentes.

Alguns alunos da turma eram bem agitados, porém, a professora, tinha muito domínio de sala e conseguia controlá-los fazendo com que voltassem à atenção para a aula. Após todos se acomodarem, a professora colocou atividade de matemática no quadro, explicou o conteúdo que era operações de adição com agrupamento; subtração e identificação de formas geométricas com vértices. E como em toda turma, alguns alunos realizam as atividades com mais rapidez, de modo que, a professora me pediu que tomasse a lição de cada um à medida que iam terminando a atividade, enquanto isso, ela corrigia as atividades individualmente nos cadernos.

Enquanto tomava a lição, percebi que vários alunos da turma não sabem ler quase nada. Confesso que fiquei preocupada com o fato de as crianças serem todas da mesma idade e o desempenho de algumas serem tão diferentes. Segundo a professora, há um conjunto de fatores que levam a essa diferença como, por exemplo: problemas familiares, vida desregrada, onde a criança não tem uma rotina com horários para se alimentar, fazer as atividades, brincar, dormir, além da falta de acompanhamento familiar na vida escolar, bem como, problemas de saúde etc. Diante disso, o professor precisa conhecer bem cada aluno, afim de entender e identificar as dificuldades e necessidades de cada um e auxiliar no processo de desenvolvimento.

Para minha regência na turma, planejei com o auxílio da professora, uma aula com conteúdo de língua portuguesa com atividades de interpretação de texto, onde o texto escolhido foi “a casa” de Vinícius de Moraes, que por sinal é também uma cantiga muito conhecida. Distribuí o texto, juntamente com as atividades impressas, fizemos a leitura socializada do texto e em seguida convidei-os a cantar a música, e todos acompanharam com muita animação, em seguida começaram a fazer as atividades.

As atividades se consistiam em responder algumas questões relacionadas ao texto, como encontrar uma determinada palavra entre outras muito parecidas e separar sílabas de dez palavras além de indicar o número de sílabas de cada uma. Durante a realização das atividades, precisei auxiliar alguns alunos que ainda não sabiam ler, mas no fim, deu tudo certo, o objetivo proposto foi atingido em parte, pois notei ali a necessidade de se fazer um bom projeto de leitura.

Meu estágio no 3º ano se deu numa turma com 28 alunos, assim como nas outras turmas, fui muito bem recebida por todos. Logo que se acomodaram, a professora passou um ditado, corrigindo logo em seguida no quadro. Na sequência, tomou a lição individualmente e me pediu que a ajudasse. E foi aí que notei a grande dificuldade de boa parte da turma quanto à leitura. O que é preocupante, uma vez que a leitura é a base de tudo, de modo que, não vejo possibilidade de um avanço no aprendizado se a criança não sabe ler, quando até mesmo a matemática requer leitura.

Para regência na turma, optei pelo conteúdo de ortografia, distinção entre o X e CH, que era um conteúdo que estavam estudando, para não fugir ao conteúdo da professora. Ao chegar à sala, a professora informou aos alunos que seria eu a professora deles naquele dia, cumprimentei-os e, confesso que meio nervosa, pois estava sendo avaliada tanto pela professora da turma quanto pela tutora de estágio, e também por ser uma turma bem agitada.

Enfim, expliquei a eles que a aula seria de Língua portuguesa e qual seria o conteúdo. Entreguei a eles o texto intitulado “os sons do x” juntamente com as atividades impressas, e como havia vários alunos na turma com dificuldade na leitura, realizamos a leitura do texto todos juntos em voz alta, para que facilitasse a compreensão. Em seguida, todos começaram a fazer as atividades.

Como era de se esperar alguns fizeram bem rápido, enquanto outros precisaram de um pouco mais de tempo. A maioria da turma se saiu muito bem nas atividades com exceção de dois alunos que são totalmente desinteressados, e mesmo com auxílio não se interessaram em fazer, o que me chamou a atenção foi o fato de que os alunos maiores da turma eram os que tinham mais dificuldade de aprendizagem.

Após a correção de todas as atividades, entreguei-as à professora que quis avaliar o aprendizado da turma através das mesmas. Embora não tenha atingido o objetivo com 100% da turma, creio que o resultado ficou dentro do esperado, uma vez que tinha conhecimento das dificuldades de alguns alunos e saber que estas não seriam sanadas da noite pro dia.

Diante de tamanha dificuldade, percebi a necessidade de buscar didáticas diferentes e atrativas que incentivem e despertem a curiosidade da turma, como deixar os materiais didáticos mais acessíveis, pedir que realizem pesquisas e exposição dos resultados, trabalhar com materiais concretos nas aulas de matemática, trabalhar com jogos e atividades lúdicas etc.

Encerrado o estágio nas turmas de alfabetização, dei sequência na turma do 4º ano, uma turma composta por 27 alunos, onde a professora me apresentou à turma que me recebeu com uma calorosa boa vinda, houve um momento de bate papo antes de iniciar o conteúdo, e como conversam. No entanto, no momento em que a professora pede silêncio, é atendida imediatamente, pois tem muito domínio de sala.

Em seguida a professora pediu que pegassem o livro matemática, leu e explicou o conteúdo, os problemas a serem resolvidos, enquanto os alunos acompanhavam a leitura em seus livros, em seguida iniciaram a atividade. A turma era muito atenta, a maioria não tinha dificuldade com a matemática, porém, como em todas as turmas, há aqueles que apresentam maiores dificuldades, no entanto, bem diferentes da turma do 3º ano observada anteriormente, pois estes tinham interesse em aprender.

Assim que todos terminaram a atividade, foi feita a correção no quadro com a participação dos alunos. Em seguida, a professora fez a correção da atividade de Língua portuguesa da aula anterior, interpretação de texto, e o conteúdo: pronome pessoal singular e

plural. Feita a correção, explicou mais uma vez o conteúdo e pediu que produzissem textos utilizando e destacando os pronomes pessoais. Todos realizaram a atividade proposta. Porém, pude observar que a turma tinha preferência pela disciplina de matemática.

Minha regência no 4º ano aconteceu de forma bem tranquila, pois além de ser uma turma bem calma e interessada, eu também estava mais segura, já acostumada com a presença da professora da turma e minha tutora de estágio me assistindo. Bem, ao chegar à sala alunos que já me aguardavam, uma vez que a professora havia informado a eles que eu iria reger.

Assim que todos se acomodaram, informei a eles que o tema da aula seria gramática – substantivo simples e composto, em seguida distribuí as atividades e expliquei o conteúdo, notei que já tinham uma boa noção do assunto. Entre as atividades, um pequeno texto para interpretação, bem como, questões onde deviam identificar os substantivos simples e composto, e ainda um quadro com várias palavras com as quais deviam formar o maior número de substantivos compostos possível.

Ao iniciar a atividade, percebi que poucos tiveram dúvidas ao ponto de solicitar ajuda. A atividade proposta foi realizada em um tempo e à medida que terminavam, eu corrigia e, conforme solicitado pela professora anteriormente, deixei à sua disposição para que avaliasse o aprendizado de cada um. Como já disse anteriormente, a turma é muito atenta e interessada, por isso, não tive dificuldade em trabalhar com eles. Fiquei muito satisfeita com o resultado, afinal, a turma superou minhas expectativas.

Minha observação e participação no 5º ano aconteceram em uma turma composta por 20 alunos frequentes. Ao toque do sino, todos entraram pra sala, se acomodaram em suas carteiras, e a professora me apresentou à turma que me recebeu muito bem. A Professora fez a chamada e deu início a aula pedindo que pegassem o caderno de matemática, colocando atividade no quadro para que copiassem e resolvessem.

As atividades em questão eram operações de divisão com três dígitos na chave, multiplicações, adição e subtração. Enquanto faziam a atividade proposta, a professora chamava-os individualmente à sua mesa para tomar a lição, neste momento, auxiliei-a tomando a lição de parte dos alunos, momento em que pude perceber que muitos deles eram pouco desenvolvidos na leitura, e isso porque boa parte deles já era repetente, e conseqüentemente, fora da idade para o ano escolar em que estavam.

A professora passou ainda um ditado de 25 palavras, e para corrigir, pediu a cada aluno que escrevesse no quadro conforme havia escrito no caderno. Considerando as dificuldades dos alunos, de todo o ditado, acertaram apenas 08 palavras. Confesso que fiquei

bem preocupada com o desempenho da turma, pois conforme relato da professora, desde do início do ano letivo ela esforçava muito, desenvolvendo aulas dinâmicas, porém, não via avanços na aprendizagem dos alunos. Me questiono os motivos pelos quais os alunos apresentam tantas dificuldades, tendo em vista que a Professora relatou buscar ferramentas para auxiliar no processo de desenvolvimento dos alunos.

Chegou o dia da minha regência na turma, estava bem preocupada, pois como já a turma era bem agitada. Enfim, assim que se acomodaram, informei que a aula seria de interpretação de texto, portando seria necessário muita atenção para que tivessem um bom desempenho. Entreguei a eles o texto intitulado “a velha contrabandista”, bem como, as atividades impressas, em seguida, fizemos a leitura do texto com a participação dos alunos onde cada um leu uma parte. Em seguida, começaram a fazer as atividades.

Demoraram um bom tempo para terminar, por ser uma turma bem dispersa. Mas no final deu tudo certo. A atividade foi realizada por toda a turma, porém, o resultado não foi muito satisfatório, pois alguns alunos apresentam dificuldade quando se trata de leitura. E como sabemos na interpretação de texto a leitura é essencial.

Após correção e avaliação do desempenho, cheguei á conclusão de que o objetivo foi atingido parcialmente, uma vez que boa parte da turma não se empenhou o suficiente, não sei se porque não sabiam mesmo, ou se as atividades não eram interessantes o suficiente para despertar-lhes o interesse. Talvez eu não tenha escolhido bem a metodologia utilizada com a turma, o que pra mim foi mais um aprendizado, para que não cometa o mesmo erro novamente.

As atividades foram entregues à professora, que segundo ela, aproveitaria para avalia-los e trabalhar as necessidades de cada aluno, com o objetivo de melhorar o aprendizado daqueles que não se saíram tão bem.

Embora tenha alcançado os objetivos propostos, confesso que fiquei bem desanimada ao perceber a enorme dificuldade de muitos alunos, principalmente do 3º e 5º ano, onde muitos deles encontram-se totalmente desestimulados, necessitando de uma atenção especial tanto da escola como da família. Boa parte dos alunos com muita dificuldade na leitura e escrita, o que dificulta muito a sequencia do estudo, pois acredito que a leitura e escrita é a base de tudo.

Devido ao pouco tempo destinado aos estágios de observação e regência, reconheço que não foi possível desenvolver um trabalho significativo, no entanto, tentei trabalhar em todas as turmas de forma dinâmica e interativa a fim de alcançar os objetivos propostos.

3.2.1 Percepções e reflexões

Infelizmente não percebi muito interesse por parte dos alunos em aprender, e segundo a professora, a maioria dos pais também não colaboram com o acompanhamento, e embora a professora tentasse diversas alternativas, não conseguia o resultado esperado. Creio que seria necessário diagnosticar os alunos com dificuldades e elaborar um plano de reforço voltado para os mesmos, a fim de resolver a situação.

Dell Prette (1998) acredita que as crianças que não são estimuladas pelas suas famílias a estudarem, já de início começam a enfrentarem obstáculos, mesmo não tendo deficiências cognitivas ou físicas, elas tendem a desenvolver as habilidades básicas de forma mais lenta e geralmente não apresentam um bom rendimento escolar.

Como afirma Galaburda (apud COLL, MARCHESI e PALÁCIOS 2004, p.68) “nem sempre o que o cérebro funciona mal é por culpa de uma falha cerebral: pode ser resultado de um ambiente nocivo”. O ser humano quando nasce já está potencialmente preparado aprender, mas ele, certamente precisará de estímulos externos e internos para desenvolver a sua capacidade de aprendizagem, como motivação e a necessidade de inserção social.

3.3 Estágio de Gestão Escolar

Após o estágio nas séries iniciais, realizei o estágio na gestão escolar, onde pude observar as atividades cotidianas da Direção, Supervisão e Orientação escolar, o que me oportunizou experienciar as atribuições e as dificuldades diárias enfrentadas pela gestão escolar, que não são poucas, por sinal.

Observei que dentre as muitas atribuições de um gestor estão: analisar e assinar documentos escolares; administrar a utilização dos recursos financeiros provenientes do poder público e/ou de outras fontes, aplicando com responsabilidade e prestando contas ao órgão competente em tempo hábil; coordenar reuniões de pais, alunos e professores; acompanhar o desenvolvimento educacional dos alunos; zelar pelo cumprimento das disposições contidas no regimento interno da escola; lotar e coordenar o pessoal técnico, administrativo, pedagógico e de apoio em suas diferentes funções etc.

A Supervisão Escolar é responsável pelo lançamento das previsões de aulas; correção dos diários de classe e verificação das pendências de notas. É responsável ainda pela lotação dos professores, pela reorganização do horário em caso de falta de professor e pelo agendamento das reposições de aulas quando necessário; orientar o corpo docente quanto ao

planejamento de ensino e à elaboração de planos de recuperação; adotar ou sugerir medidas de caráter preventivo que reduzam e eliminem efeitos que comprometam a eficácia do processo educativo na Unidade Escolar etc.

Ao observar o Serviço de Orientação Escolar percebi que é de extrema importância, porém, exaustivo, pois não param um instante, uma vez que tem alunos o tempo todo para atender por motivos dos mais variados. Se bem que, há vários casos que, em minha opinião, poderia ser resolvido na sala pelo professor, desafogando assim, o serviço de Orientação.

De acordo com o Paro (2001)

A escola precisa ter liderança de um gestor comprometido com a qualidade da educação e com as transformações sociais que possibilite avançar o aluno nos mais variados aspectos: social, político, intelectual e humano. Organizar o trabalho pedagógico requer enfrentar contradições oriundas das diversas realidades que se encontram numa escola pública, daí a necessidade da escola educar para a democracia, e essa tendência pedagógica deverá ser observada ao longo dessa labuta. (PARO, 2001, p. 45)

Todas as etapas do estágio supervisionado, tanto de observação como regência em sala de aula, e na Gestão Escolar atingiram os objetivos propostos e foram muito enriquecedoras para minha vida acadêmica. Uma vez que pude vivenciar verdadeiramente o que é ser docente, as alegrias e frustrações da profissão, além de contribuir para minha escolha quanto a etapa de ensino pela qual me identifico, que é a Educação Infantil.

Porém, durante os estágios na Gestão Escolar me identifiquei também com a Supervisão, pois é um trabalho de grande importância na escola por desempenhar todas as tarefas já mencionadas anteriormente, de modo que pretendo aperfeiçoar-me na área e quem sabe seguir carreira.

4. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO

Durante meu estágio nos anos iniciais do ensino fundamental, principalmente no 3º e 5º ano, percebi uma grande dificuldade por parte dos alunos no que se refere à leitura e, conseqüentemente à escrita, considerando que, se a criança não sabe ler, dificilmente conseguirá escrever.

O processo de leitura e escrita pode ser dificultado por vários fatores, dentre os fatores que geram a dificuldade desse aprendizado pelas crianças nas séries iniciais do ensino fundamental estão: prática pedagógica inadequada; falta de atenção ao avanço cognitivo, afetivo e social; problemas familiares; falta de estímulo e acompanhamento familiar no processo de ensino-aprendizagem da criança; convívio em ambientes onde a prática de leitura e escrita é pouco valorizada, visto que, geralmente as crianças tem pouca ou nenhuma chance de participar de projetos de leitura e escrita, dificultando assim, o processo de alfabetização.

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. Considerando que desde muito cedo os bebês já são capazes de compreender o sentido de algumas palavras que ouvem, é possível afirmar que, de certa forma começam a ser alfabetizadas a partir de então, e que a alfabetização não termina, pois o aprendizado é constante, ou seja, sempre teremos algo a aprender.

A autora defende que, de todos os grupos populacionais as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem, enquanto que os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimento mais difíceis de modificar, ressalta ainda que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (Ferreiro, 1999, p.23)

O desenvolvimento da criança depende do quanto ela é estimulada a aprender desde antes de ir pra escola, de modo que grande parte das crianças já inicia na escola sabendo muita coisa, facilitando e muito o trabalho do professor.

Segundo Emília Ferreiro (1996, p.24), “o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a

informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget coloca no âmago de sua teoria (FERREIRO, 1999, p. 24).

Considerando que o desenvolvimento do gosto pela leitura depende do quanto ela está presente no cotidiano de cada criança, quando observada a dificuldade, faz-se necessário investigar a realidade interna e externa da criança, a fim de detectar as causas da dificuldade, possibilitando assim, encontrar a melhor forma de corrigir a defasagem. Porém, há casos mais complexos em que apenas o olhar o professor não é suficiente, sendo necessário o encaminhamento da criança a um profissional com competência para avaliar, diagnosticar e indicar o tratamento adequado em tempo hábil.

Algumas escolas contam com a ajuda do Psicopedagogo, o que facilita muito na realização de um trabalho de prevenção do fracasso escolar ou até mesmo de intervenção quando necessário.

O objetivo do tratamento psicopedagógico é o desaparecimento do sintoma e a possibilidade do sujeito aprender normalmente em condições melhores enfatizando a relação que ele possa ter com a aprendizagem, ou seja, que o sujeito seja o agente da sua própria aprendizagem e que se aproprie do conhecimento. (Bossa, 2007, p.21).

São grandes os desafios que as escolas enfrentam ao lidar com as dificuldades de aprendizagem, e este desafio é ainda maior quando a não dispõe do psicopedagogo para intervir e auxiliar no diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.

5. LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao longo dessa trajetória no curso de pedagogia e principalmente durante a realização dos estágios, tanto na educação infantil como no ensino fundamental, observei o quanto é necessário e importante a utilização do **lúdico** como instrumento extremamente favorável à aprendizagem, principalmente na educação infantil, pois o brincar faz parte do cotidiano da criança, uma vez que é naturalmente lúdica, pois desde seu nascimento está em constante aprendizado através das brincadeiras.

De acordo com a autora Bueno (2010, p. 21)

“[...] o brinquedo possibilita o desenvolvimento total da criança, já que ela se envolve afetivamente no seu convívio social. A brincadeira faz parte do mundo da criança.”

Desde o nascimento a criança passa pelo processo de descobrimento do próprio corpo a partir dos estímulos e brincadeiras propostas pela família, que começam com um sorriso, depois descobrem as mãos e os pés, além de acompanhar qualquer movimento, seguindo no processo de desenvolvimento.

A criança se empenha durante as suas atividades do brincar da mesma maneira que se esforça para aprender a andar, a falar, a comer. KISHIMOTO (2000). No decorrer dos estágios, percebi como a criança leva a sério a brincadeira. Através das brincadeiras, o quanto prestam atenção em tudo que os adultos fazem, pois reproduzem perfeitamente, principalmente quando brincam de faz de conta, daí a necessidade de estar sempre atento às atitudes, a criança se espelha no adulto.

Nas escolas, as atividades lúdicas são excelentes para a assimilação dos conteúdos, além disso, leva o aluno a enfrentar situações relacionadas ao seu cotidiano escolar e social, pois auxilia na formação, desenvolvendo a interação; a imitação; a memória; a imaginação; a coordenação motora e mental uma vez que, em contato com outras crianças e adultos, aprende a respeitar regras; a compartilhar objetos; controlar suas emoções etc.

Os jogos e brincadeiras são indispensáveis à saúde física, mental e intelectual das crianças. Pelos quais acontece o desenvolvimento da linguagem; do pensamento, da socialização, da autoestima etc. capacitando-se para a vida, para ser um cidadão apto a enfrentar os desafios da vida.

Segundo Almeida:

O jogo, nas suas diversas formas, auxilia no processo ensino – aprendizagem, tanto no desenvolvimento psicomotor, isto é, no desenvolvimento da motricidade fina e ampla, bem como no desenvolvimento de habilidades do pensamento, como a imaginação, a tomada de decisão, a criatividade, o levantamento de hipóteses, a obtenção e organização de dados e a aplicação dos fatos e dos princípios a novas situações que, por sua vez, acontecem quando jogamos, quando obedecemos a regras, quando vivenciamos conflitos numa competição, etc.(ALMEIDA, 2005)

Quando participa de brincadeiras ou jogos, a criança executa movimentos diversos, tanto corporal como intelectual, uma vez que precisa pensar para agir de forma a conseguir o objetivo almejado, além disso, convive com a competitividade, que é normal em todos os jogos, aprendendo assim, a saber ganhar e perder.

Durante o estágio de observação e participação em sala de aula na educação infantil, notei que as brincadeiras e jogos mais frequentes eram: desenhos na tevê, cantigas, contar histórias, massinha de modelar, pintura, rodas e brincadeiras livres com atividades e brinquedos no parquinho da escola.

Já nas séries iniciais normalmente utilizavam com mais frequência jogos educativos como: quebra-cabeça, jogos matemáticos, jogo de memória, os quais muitos deles podem ser confeccionados pelos próprios alunos nas aulas de artes, trabalhando a criatividade, bem como, aulas práticas de educação física, que assim como as demais atividades, não é simplesmente distração, uma brincadeira, e sim uma disciplina regulamentada que faz parte do currículo escolar, de modo que não pode deixar de ofertar, pois é muito importante para o desenvolvimento do corpo e da mente, porém, é necessário que haja na escola, ambientes estruturados que permitam à criança se movimentar com segurança.

Todas as brincadeiras e jogos que presenciei durante os estágios, tanto na Educação Infantil como nas Séries Iniciais, considero que contribuíram muito para o desenvolvimento das crianças.

Na educação infantil, utilizam com bastante frequência jogos com peças coloridas onde tinham a liberdade de criar e montar os objetos que vinham à cabeça, e confesso que fiquei surpresa com a criatividade das crianças, além das brincadeiras de roda com cantigas, que movimentam o corpo, trabalha a voz e incentiva a interação das crianças.

Já nas séries iniciais do ensino fundamental, os jogos e brincadeiras são mais voltados á auxiliar no aprendizado do conteúdo, de modo que cada jogo ou brincadeira tem seu objetivo específico naquela aula. Fiquei impressionada com o entusiasmo e o desenvolvimento das crianças quando a aula é lúdica, a participação é muito positiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda esta trajetória do curso de Pedagogia, posso afirmar que aprendi muito sobre a importância dos registros acadêmicos; da leitura; da organização, disciplina e pontualidade para cumprir com os prazos de postagens das atividades e avaliações; da interação com os colegas e do trabalho em equipe.

Compreendi que cada criança tem sua história, suas necessidades, de forma que, o professor deve ser observador e ter sensibilidade suficiente para reconhecer as habilidades e dificuldades de cada criança, e assim poder trabalhar cada uma conforme sua necessidade.

Com o estágio supervisionado pude vivenciar a realidade de um docente em sala de aula, bem como, as experiências, não só positivas como negativas, afinal, em uma mesma turma há alunos com muita facilidade de aprendizagem e outros com grandes defasagens, daí a necessidade de se trabalhar de forma diferenciada.

O estágio de Gestão me possibilitou conhecer e entender o funcionamento de cada setor, as atribuições, a rotina, dificuldades e sucessos de cada um. Ressaltando o papel do Gestor Escolar, que se desdobra para administrar de forma responsável e eficiente. Embora haja muitas dificuldades no que se refere à falta de recursos financeiros, recursos humanos e ainda a pouca colaboração dos pais no acompanhamento da vida escolar das crianças, a Equipe gestora trabalha com garra, objetivando realizar o melhor trabalho possível.

Entendo inclusive que a batalha não acaba aqui, que o educador deve ser constantemente um pesquisador buscando sempre novos conhecimentos, atualizando-se participando de formações continuadas e acompanhando as novas tecnologias que evolui o tempo todo.

Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

Estou certa de que as lutas travadas, o cansaço, o desânimo, a ansiedade e os desafios enfrentados nessa trajetória acadêmica não foram em vão, tudo valeu a pena. Para compensar todo esse esforço, após a conclusão do curso, pretendo realizar uma pós graduação na área de Gestão Escolar e atuar, de preferência no setor de Supervisão Escolar, com vistas a desenvolver o trabalho de acompanhamento pedagógico.

REFERÊNCIAS

- BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** RS, Artmed, 2007. BRASIL,
- BUENO, Elizangela. **Jogos e Brincadeiras na educação infantil: ensinando de forma lúdica.** Londrina – PR, 2010.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). **Rumo a uma Nova Didática.** 19^a. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHATEAU, Jean. *O jogo na criança.* São Paulo: Summus, 1987
- COLL, César, MARCHESI, Álvaro e PALÁCIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação- Transtornos do Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais.** Trad. Fátima Murad- 2 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, 3v
- Constituição Federal de 88, como na Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) 9394/96
(Cunha,Nylse Helena da Silva.Brinquedo,desafio e descoberta para utilização e confecção de brinquedo.2001 pág. 14)
- DEL PRETTE, Z, A; DEL PRETTE, A. **Desenvolvimento interpessoal e educação escolar: o enfoque das habilidades sociais.** **Sociedade brasileira de psicologia.** Temas em psicologia, v.6, n.3, p. 205-215 Ribeirão Preto, 1998.
- FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras.** São Paulo: Cortez, 1999.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 3^a Ed. São Paulo: Cortez 1993.
_____. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 7^a Ed. São Paulo: Cortez, 2003
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor.** Aspectos Cognitivos da Leitura. Campinas – SP: Pontes, 4^a edição, 1995.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática.**7^a ed. Salvador. malabares Comunicação e Eventos 2003..
- PARO**, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública.** São Paulo: Ática, 2001
- PIMENTA**, Selma Garrido e **LIMA**, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2001.p. 175
- STAINBACK, Susan., STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores.** trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p.25.
- SNYDERS. G. *Pedagogia Progressiva.* Coimbra: Livraria Almedina, 1974

VERGÉS, Maritza Rolim de Moura; SANA, Marli Aparecida. **Limites e indisciplina na Educação Infantil**. 2º Campinas: Alínea, 2009.

ZANLUCHI, Fernando Barroco. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação**. Londrina: O autor, 2005